
Greve da PM no ES: os efeitos de sentido de uma cobertura fotográfica a partir da análise semiótica discursiva e plástica¹

Gabrielly Gonçalves MINCHIO²

Karla Silveira de OLIVEIRA³

Maria Nazareth Bis PIROLA⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, ES

RESUMO

Objetiva refletir sobre os efeitos de sentidos construídos em uma cobertura jornalística durante a greve da Polícia Militar, no Espírito Santo, em 2017. Constitui pesquisa descritiva e documental e toma como corpus de análise duas fotografias capturadas pelo fotojornalista Rodrigo Gavini, do jornal A Tribuna. Recorre ao referencial teórico e metodológico da semiótica discursiva e plástica. Espera contribuir na identificação dos diferentes papéis sociais exercidos em um mesmo contexto, que, no caso analisado, se trata de uma manifestação.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; greve da PM; semiótica discursiva; semiótica plástica.

Introdução

O artigo a seguir pretende analisar os efeitos de sentido formados a partir de uma cobertura jornalística feita no período da greve da Polícia Militar (PM), no Espírito Santo, em 2017 e, para isso, recorre ao método da semiótica discursiva e plástica. A partir do referencial teórico, foi feita uma análise do plano de conteúdo e de expressão de duas fotografias capturadas durante uma manifestação ocorrida nesse período da greve e publicadas no blog do fotojornalista Rodrigo Gavini. O embasamento teórico aqui tratado tem como fundamento os livros “Teoria Semiótica do Texto” (2011), de Diana de Barros, sobre semiótica discursiva e “As semioses pictóricas” (2004), de Ana Cláudia de Oliveira, acerca da semiótica plástica. Além de tratar, também, do conceito de enquadramento envolvendo a área de fotojornalismo.

¹ Trabalho apresentado ao IJ 1 – Jornalismo, do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Vitória - ES – 3 a 5/6/2019.

² Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da Ufes. E-mail: gabriellygminchio@gmail.com

³ Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da Ufes. E-mail: karlassilveira@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em Vitória/ES. Email: n.pirola@uol.com.br

A greve da PM do Espírito Santo (ES) ocorreu entre os dias 4 e 25 de fevereiro de 2017 e ganhou projeção na mídia nacional devido aos impactos ocasionados nas rotinas da população e do comércio, causando uma crise de segurança pública em todo o estado. A paralisação teve início com protestos feitos por familiares de policiais militares, que, posteriormente, montaram acampamentos que impediam a saída de viaturas, em frente aos batalhões da PM, em cidades da Grande Vitória. Reivindicavam reajuste salarial, além de outros benefícios para a categoria. Essa iniciativa por parte de esposas, filhas e demais parentes deu-se devido à proibição - presente na Constituição Federal de 1988, no artigo 142, § 3, inciso IV - dos policiais militares de fazerem greves.

Durante o acontecimento, estabelecimentos foram fechados por conta do alto risco de assaltos e muitos foram invadidos e saqueados. Repartições públicas, escolas, faculdades e bancos também tiveram seus horários de funcionamento comprometidos. Os transportes coletivos tiveram sua circulação interrompida durante alguns dias por conta da insegurança.

De acordo com dados do Sindicato dos Policiais Civis do Espírito Santo (Sindipol/ES), foram registradas, ao todo, 213 mortes durante a paralisação da Polícia Militar. Já a Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social afirma que foram 204. [...] Em apenas um único dia do movimento aconteceram 43 homicídios no Estado e não houve sequer um dia em que não fosse registrado assassinato (PARALISAÇÃO..., acesso em 4 nov. 2018).

Por conta de todo o cenário caótico vivido pelos capixabas, pessoas foram às ruas em forma de protesto para pedir o fim da paralisação. A primeira manifestação ocorreu em 7 de fevereiro, na Avenida Maruípe, próximo ao Quartel do Comando Geral da Polícia Militar do Espírito Santo, local onde os familiares dos policiais se encontravam acampados, podendo, assim, prosseguir com a greve. De acordo com Arpini e Camporez (2017), populares fecharam os dois sentidos da avenida e queimaram pneus, além de espalharem lixo no meio da rua. Houve, ainda, confronto entre os grupos e, com isso, o exército, então responsável pela segurança do estado durante esse período, precisou intervir.

A greve chegou ao fim em 25 de fevereiro, conforme Dalvi (2017), após um acordo firmado em uma reunião com familiares dos policiais e representantes do governo do estado, mediado pelo Ministério Público do Trabalho (MPT-ES). Após o

fim da crise, cerca de 28% dos policiais militares da ativa foram processados (PM..., acesso em 21 fev. 2017). E meses depois, 60 pessoas foram incriminadas por envolvimento em saques aos comércios (SESSENTA..., acesso em 4 nov. 2018). Dados da Corregedoria da PM e Polícia Civil, divulgados recentemente por vários veículos de comunicação, como Gonçalves (2019), do portal Gazeta Online, mostram que existiam 2.622 PMs respondendo a processos administrativos e que 23 foram expulsos.

Porém, cumprindo a promessa feita durante a campanha eleitoral, o governador eleito, Renato Casagrande, sancionou a Lei da Anistia, que, segundo Rodrigues e Linhares (2019), foi aprovada por unanimidade na Assembleia Legislativa do Espírito Santo, no dia 16 de janeiro de 2019.

O autor das fotos, Rodrigo Gavini, faz parte do grupo de jornalistas que se especializaram na área de fotojornalismo. Essa vertente profissional é muito importante para comprovar a veracidade de um fato, principalmente em um caso de tanta importância quanto à greve da PM, no ES, no ano de 2017.

Em meio a todo processo de fotografar e expor fatos, é imprescindível voltarmos o olhar para a composição da foto, que ocorre muito antes do registro final e requer precisão e um olhar apurado do repórter para sua execução. E esse instante de percepção, chamado de “momento decisivo”, segundo Maia (2013), é o quadro mais importante de uma determinada cena, na qual todos os objetos se harmonizam, como se posassem para que o fotógrafo registre aquele momento único de forma mais genuína. “Esse processo [...] requer que o profissional acione várias hipóteses que podem ou não se concretizar no fato jornalístico que está em via de ser construído” (MAIA, 2013, p. 109).

No entanto, a relevância desse papel do fotojornalista carrega um poder de levar o seu público a crer naquilo que é visto na imagem capturada. Dessa forma, é preciso entender que há sempre uma intencionalidade por trás de todo enquadramento feito em uma fotografia e é dever do profissional passar o máximo de verdade com o seu trabalho.

Considera-se que essa fotografia [jornalística] deve mostrar-nos, como se estivéssemos presentes – portanto, reportar-nos – o que ‘verdadeiramente’ aconteceu. Permite-nos ter o dom da ubiquidade, estar nesse outro lugar e nesse outro tempo em que não estamos, mas que aconteceram, que ‘verdadeiramente’ existiram (SOULAGES, apud KOCH, CATELLI, 2014, p.6-7).

É indispensável, portanto, compreender que não é necessariamente correto afirmar que a fotografia se trata de um retrato da realidade, visto que, para que ela seja feita, é preciso que haja um recorte do que está ocorrendo, dando ênfase a um aspecto do fato e excluindo outro ponto de forma arbitrária (GATTO; SOARES, 2018), o que é chamado de enquadramento. Carvalho (2009), em seu artigo, dialoga sobre esse conceito afirmando que a fotografia

[...] está relacionada a uma série de procedimentos técnicos que, em certa medida, são comuns a todas as organizações que têm a notícia como foco. No entanto, a engrenagem envolvida na produção jornalística está longe de reduzir-se a um conjunto de técnicas que darão forma e conteúdo a narrativas noticiosas. Ela envolve aspectos mais sofisticados que são, em última instância, os definidores dos modos mesmo como o jornalismo seleciona acontecimentos e apresenta-os sob a forma de narrativas que não apenas refletem a realidade, mas trazem uma perspectiva particular sobre cada aspecto divulgado do real. A essa “operação” [...] tem-se dado o nome de enquadramento (CARVALHO, 2009, p. 3).

Apesar de haver uma preocupação em escolher o momento certo para a captura da fotografia por conta da sua composição em si, ao mesmo tempo, existe a intencionalidade de como o profissional quer presentificar a situação em que foi feita o registro e, assim, que seu público tenha a visão por ele determinada sobre o fato.

A mídia espírito-santense acompanhou o protesto, o que rendeu matérias em diversos sites e jornais. No dia seguinte à manifestação, o fotojornalista, Rodrigo Gavini, postou em seu blog pessoal imagens que tirou durante o ocorrido, as quais apresentavam a ação dos manifestantes e do exército. Um dos frames também foi estampado na capa do jornal A Tribuna, do dia 8 de fevereiro de 2017, que trazia uma matéria relatando o fato. A partir das fotos postadas no blog de Gavini, duas foram escolhidas para serem analisadas por meio do método e referencial teórico da semiótica discursiva e da semiótica plástica, destacando seu plano de conteúdo e de expressão.

Conceitos centrais da semiótica discursiva e plástica

Antes de iniciarmos as análises, trataremos dos termos próprios da semiótica discursiva e plástica, cujos embasamentos teóricos e metodológicos fundamentarão as

análises das fotografias selecionadas. Existem outras teorias semióticas que têm focos específicos e que podem se comunicar entre elas, no entanto, a que será discutida neste artigo é a semiótica discursiva, a qual foi “desenvolvida por A. J. Greimas e pelo Grupo de Investigações Semiolinguísticas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais” (BARROS, 2005, p. 10), na França.

Esta teoria “procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2005, p. 11). É preciso compreender que o texto não é apenas o que é dito de forma oral ou escrita, mas também as manifestações gestuais ou apenas visuais e, até mesmo, um misto de tudo isso. Podendo ir de uma simples poesia até uma aula, uma dança, uma história em quadrinhos, um filme ou uma fotografia (BARROS, 2005).

Entende-se como texto o “resultado da junção do plano do conteúdo, construído sob a forma de um percurso gerativo, com o plano da expressão”. Trata-se de “um objeto de significação e um objeto cultural de comunicação entre sujeitos”. (BARROS, 2005, p. 86). Ou seja, é feito um exame acerca de como aquele texto analisado foi construído desvelando as suas formas até que seja possível entender como os sentidos foram montados para que o enunciatário tenha a sua percepção e interprete a obra. Dessa forma, “para explicar ‘o que o texto diz’ e ‘como o diz’, a semiótica trata, assim, de examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto”. (BARROS, 2005, p. 12).

E esse estudo se faz dividindo e relacionando, ao mesmo tempo, o objeto analisado em dois planos: o de conteúdo e o de expressão. O primeiro explica como o texto se formou e é feito o chamado percurso gerativo de sentido para entender como houve essa construção, o qual conta com três níveis para poder fazer essa explicação.

A primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima; [...] no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito; [...] o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação (BARROS, 2005, p. 13).

É preciso enfatizar que, nesta análise, foram considerados apenas os dois primeiros níveis: discursivo e narrativo; visto que a relevância maior para este trabalho

era voltada para esses dois primeiros patamares do plano de conteúdo. Na semântica discursiva, as análises são feitas observando-se quais são e como são construídas as projeções de pessoas, espaços e tempos. Além de fazer um percurso sobre os temas e figuras, que são valores do sujeito da enunciação e se intermedeiam.

“O sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido sobretudo de realidade” (BARROS, 2005, p. 66). Orienta-se, ainda, que, “tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos” (BARROS, 2005, p. 66), ou seja, enquanto o texto é analisado, são descritos, no nível fundamental, valores que se contrapõem e que são retomados no nível discursivo na parte temática. Por exemplo, se são construídos, no texto, valores opostos de liberdade e de prisão, temas serão criados acerca desses valores, os quais são concretizados através da figurativização, que “é o procedimento semântico pelo qual conteúdos mais ‘concretos’ (que remetem ao mundo natural) recobrem os percursos temáticos abstratos”. (BARROS, 2005, p. 83). Dessa forma,

[...] os temas são termos abstratos, que organizam, classificam, categorizam os elementos do mundo natural (beleza, vergonha, inteligência, vaidoso etc.) e figuras são termos concretos, que possuem um correspondente perceptível no mundo natural, quer seja este dado ou construído (árvore, sol, correr, brincar, vermelho, frio etc.) (MORATO, 2010, p. 6).

Na sintaxe narrativa, existem dois tipos de enunciados elementares: o de estado e o de fazer, os quais têm relação com os sujeitos presentificados nos textos e seus objetos. Enquanto os enunciados de estado “são os que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto”, os enunciados de fazer “são os que mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um enunciado de estado para outro. Ocorre para isso o uso de programas narrativos” (FIORIN, 2011, p. 28).

A comunicação hierárquica de enunciado de fazer e enunciado de estado define o programa narrativo, a unidade operatória elementar da organização narrativa de um texto. A primeira concepção de narrativa é, como se viu, a de sucessão de estados e de transformações (BARROS, 2005, p. 23).

Quando se tem a ideia de disjunção ou conjunção entre o sujeito e o objeto é preciso compreender que há um objetivo a ser alcançado nas narrativas analisadas e

este é chamado de “objeto-valor” nesta teoria semiótica. E para alcançar tal aspiração, existem ações firmadas, as quais são definidas como “objeto-modal”.

Assim, quando é possível verificar que tal objeto-valor é alcançado, observa-se que houve uma sanção positiva quanto a ele, porém, se não é possível atingir o objeto, a sanção é negativa. Vê-se um trajeto que é seguido até chegar a tal sanção que é a performance, a qual tem a ver com a ação que os sujeitos presentificados nos textos e, no caso das nossas análises nas fotografias, fazem.

Em sintonia com o plano de conteúdo, é preciso observar, também, o plano de expressão dos textos. Entramos, assim, nos preceitos da semiótica plástica. De acordo com Oliveira (2004, p. 1), é preciso que o semioticista, nos textos analisados, torne visível e apreenda “os processos de estruturação [...] a partir da apreensão das unidades pertinentes e da evidenciação do modo como essas são arrançadas [...] com o propósito de assinalar que é em função da construção da obra que sua significação é produzida”. Acrescenta, ainda, que, por conta da forma e do espaço que está sendo enunciado pelo enunciadador “é que se pode penetrá-lo e, pela articulação de seus componentes, reoperar a sua significação, que, em poucas palavras, define o propósito da semiótica” (OLIVEIRA, 2004, p.2). Ademais, na observação do que está sendo exposto, os outros sentidos, além da visão e até o que é experimentado pelo corpo inteiro, atuam em conjunto. Assim, no plano de expressão, os elementos observados são os formantes cromáticos, eidéticos, topológicos e matéricos.⁵

A dimensão cromática apresenta possibilidades de relações entre as cores tanto por suas variações (primárias, secundárias, terciárias), como pelos contrastes estabelecidos (claro vs escuro), bem como tonalidades e saturação. Já a dimensão eidética convoca formas que podem ser retas vs curvas, retilíneas vs arredondadas, horizontais vs verticais, dentre outras combinações em que possam articular no texto plástico. A distribuição das formas no espaço convoca a dimensão topológica, que pode dispor os elementos das categorias anteriores em espaços como alto ou baixo, direito ou esquerdo, central ou periférico (SOUZA; PIROLA, 2013, p. 3).

⁵ A dimensão matéria diz respeito ao que o próprio nome representa que é o material em que o texto foi produzido, o suporte em que foi publicado, por exemplo. Todavia, não adentramos neste elemento, já que não será estudado em nossa análise.

Análises e efeitos de sentido da fotografia 1

Fotografia 1: manifestantes fazendo barricadas próximo ao quartel da PM, em Maruípe⁶



FONTE: Rodrigo Gavini

No plano de conteúdo, no patamar discursivo, o enunciador da história é o fotojornalista que, por meio do enquadramento, demonstrou, em sua obra, os sujeitos atuando, em tempo real, no cenário da greve. O tema aqui tratado - através da foto tirada - é o de luta e inquietação por parte da população a favor de seus direitos de segurança violados a partir da greve instaurada, no estado, pela Polícia Militar. Vê-se, portanto, que as figuras apresentadas são o público que se manifesta, as construções e os materiais usados como armas.

No nível narrativo, os sujeitos presentificados pela população são quem estão fazendo a transformação. Os manifestantes, que antes eram passivos, estavam em disjunção quanto ao objetivo deles em relação à greve, já que o objeto-valor era o fim da paralisação e o retorno dos policiais às ruas. Assim, a população resolveu lutar e entrar em conjunção com o propósito almejado.

Agem através da queima de objetos, formando barricadas e demonstrando resistência e união de quem estava lá. Em sua maioria, se aglomeram em torno da ação na intenção de incentivar, saindo, assim, do estado de acordo para a ação de lutar. Dessa forma, a manifestação apresenta-se como objeto-modal para que se possa chegar ao objeto-valor. Pela imagem, não é possível saber se houve uma sanção positiva ou negativa, o que é vista é a performance dos sujeitos presentificados na fotografia.

⁶ Disponível em <https://rodrigogavini.wordpress.com/>. Acesso em nov. 2018

Voltando-se ao plano de expressão, em sua dimensão eidética e topológica, a foto tirada, na horizontal, com o enquadre em contra-plongée⁶ traz, em primeiro plano, o volume arredondado dos pneus e outros objetos, como uma sacola plástica de supermercado, na parte inferior, todos dispostos juntos e amontoados com o intuito de inflamar o fogo provocado pelos manifestantes.

É possível notar, também, dezenas de pessoas na vertical acompanhando o protesto, filmando-o, incentivando-o ou apenas observando, compondo tanto o centro quanto as margens da foto em segundo plano, enquanto o homem responsável por jogar a sacola em meio ao fogo apresenta-se curvado para concretizar o ato no primeiro plano. Ao seu lado, mais para trás, na observação da imagem, outro indivíduo encontra-se com uma folha em formato retangular em suas mãos.

Algumas pessoas, à direita, estão levemente desfocadas por conta da fumaça emitida pelo fogo que dissipa dos pneus e dos demais objetos inflamáveis. Ao fundo, na vertical, é possível notar dois postes cilíndricos de energia elétrica, distanciados por alguns metros e ligados, na horizontal, por fios de alta-tensão que percorrem ambos.

Partes de algumas construções, também, podem ser visualizadas, na horizontal, com o predomínio do formato retangular. O céu é perceptível em parcelas da fotografia, na parte superior, e a estrada é enquadrada, no sentido inferior do registro, contando com a exposição da grande quantidade de pessoas apenas com a captura de parcelas de seus corpos como os pés que estão na rua e nas calçadas.

Quanto ao nível cromático, o tom alaranjado do fogo é chamativo para o percurso da imagem e contrasta com o preto dos pneus. Como resultado das chamas, é possível notar a formação de fumaça de coloração cinza, a qual é predominante em toda imagem, desde o céu, asfalto, postes, construção ao fundo, até as camisas de dois dos manifestantes.

O vermelho pode ser encontrado tanto em detalhes da logo estampada na sacola que está sendo jogada pelo homem, em primeiro plano, quanto nas camisas de dois outros manifestantes, em segundo plano. Já a cor preta pode ser encontrada em várias peças de vestuário dos presentes (camisas, bermudas e calçados) e apresenta-se como sombra abaixo da marquise da construção principal da imagem, bem como nos telhados das casas do canto superior direito e nos fios de alta-tensão.

O branco também comparece em diversos tipos de roupas, nas linhas que marcam o asfalto e nos materiais utilizados para contribuir com a presença do fogo,

como sacolas plásticas e folhas de papéis. Outras cores presentes na imagem são o rosa do cartaz segurado por uma mulher e os diversos tons de verde e azul presentes nos trajes dos cidadãos. As cores são bem vivas, presentificando a vivacidade de quem está nas ruas lutando pelos seus direitos e trazendo nitidez à imagem.

Análises e efeitos de sentido da fotografia 2

Fotografia 2 - “Exército aborda PM que estava em carro descaracterizado e com perfurações de bala”⁷



FONTE: Rodrigo Gavini

No plano de conteúdo, em se tratando do âmbito discursivo, o fotojornalista continua sendo o enunciador de toda a história através do enquadre dado no momento em que os sujeitos estão agindo durante a greve desse 07 de fevereiro.

A temática abordada na análise é a de confronto, visto que, no momento da captura da foto, o ocupante do veículo é abordado pelo exército com armas sendo apontadas em sua direção. As outras figuras que compõem a fotografia são de curiosos pertencentes à população civil e/ou os possíveis jornalistas, além dos materiais usados por esses personagens.

Diferente da primeira imagem, que traz uma carga autoexplicativa, nesta segunda, sabe-se que o veículo foi abordado pela força do exército por apresentar perfurações de bala de fogo, sugerindo uma ameaça de perigo. Ao obedecer à ordem,

⁷ Disponível em <<https://rodrigogavini.wordpress.com/>>. Acesso em nov. 2018

o homem com mãos levantadas aparenta não demonstrar resistência na ação e, posteriormente, identifica-se como policial militar, sendo liberado logo em seguida.

Assim, ao fazer a análise do nível narrativo, os sujeitos presentificados pelos homens do exército são quem estão fazendo a transformação, visto que apontando a arma para o suspeito que ameaça o objetivo por eles almejado, que é o de manter a segurança, julgam que aquela é uma ação correta. Estavam em estado de alerta e fizeram o que acharam ser o melhor para o momento.

Dessa forma, sendo o objeto-valor a garantia da segurança pública e a proteção da população e tendo o sujeito com o carro com marcas de tiro como um ponto que está em disjunção com o objetivo, tem-se o objeto modal presentificado pela intervenção do exército ao veículo e, conseqüentemente, ao ocupante do automóvel a fim de entrar em conjunção com o objeto-valor.

Através do texto, que é a fotografia analisada, é possível identificar que a sanção final é positiva, visto que o exército, por meio de seu objeto-modal, alcança seu objeto-valor. É verificada, também, a performance das figuras. Já pelo contexto dado pelo fotógrafo e pelo jornal, posteriormente, chega-se ao desfecho de que não houve uma ameaça real à segurança e que, após ser identificado como policial militar, o homem foi liberado.

Partindo para o plano de expressão, por meio da dimensão eidética e topológica, é notável perceber que a imagem foi tirada de maneira horizontal e que há a presença de homens na posição vertical em toda a imagem. O indivíduo, à direita, em primeiro plano, apresenta os braços flexionados para o alto, próximo ao carro que está aberto, enquanto, à esquerda, há, nos primeiros planos, uma sequência de sujeitos armados olhando em sua direção. O segundo sujeito, em primeiro plano, projeta seus braços à frente, apontando sua arma de fogo em direção ao indivíduo com os braços levantados. O primeiro homem e o terceiro, à esquerda, também têm suas armas nas mãos, porém, sem apontá-las para o alvo que julgam ser uma ameaça.

Em segundo plano, ao centro, é possível observar outras pessoas com os braços flexionados ao alto, porém, dessa vez, intencionados a fotografar e/ou filmar a ação. Na parte superior, percebe-se uma quantidade razoável de fios de alta-tensão, alguns dispostos na horizontal, outros, na diagonal. Há um poste de eletricidade na vertical e no canto superior esquerdo e, nota-se, também, a presença de parte de uma copa arredondada de árvore.

A forma retangular é vista tanto na placa de rua, que traz orientações a pedestres e motoristas, quanto na placa de uma loja Silvato, à direita. Algumas construções também foram capturadas, à direita superior, próxima à imagem do céu, que se presentifica na parte superior da imagem. Ao fundo, em último plano, existe a presença de algumas edificações e de uma torre no morro.

Em relação ao nível cromático, primeiramente, é preciso analisar que o contraste presente na imagem conversa com o que foi discutido no plano de conteúdo em que há uma temática de confronto, visto que é perceptível uma tonalidade escura por toda a foto. Todavia, tem-se dois lados: o esquerdo com um tom mais fechado em um esverdeado, e o lado direito, mais voltado para o cinzento, demonstrando, assim, uma oposição da população e do exército. Dessa forma, é possível identificar que houve uma intencionalidade do fotógrafo quanto a esse enquadramento.

Portanto, há uma tonalidade mais escura indo desde a cor verde vinda dos uniformes camuflados dos sujeitos do exército até a copa da árvore na parte superior. O verde também é encontrado, em um tom mais claro, na placa que se encontra no centro superior da imagem. Indo do centro ao lado direito do retrato, o cinza mostra-se em tom mais claro na lataria do veículo e em tom mais escuro em sua parte inferior. A camiseta do homem abordado pelo exército e o céu também compõem a paleta acinzentada. O marrom apresenta sua variedade tonal na calça do homem em primeiro plano e na placa de rua que, em seu topo, apresenta também o azul.

Discretamente, a cor amarela dá tom à logo da loja Silvato e colore a camisa de um homem que aparece parcialmente na foto, próximo da frente do carro. Laranja e vermelho também aparecem em camisetas dos presentes. A cor preta é encontrada nas armas e nos coturnos dos homens do exército, no boné e no relógio do homem de mãos erguidas, nas máquinas fotográficas e nos aparelhos celulares que capturam o que está ocorrendo, nos fios elétricos, na placa da loja e até em partes do carro: no insulfilm, na parte emborrachada que está em torno da janela, na peça interna da porta e na sua trava próxima ao vidro.

Já o branco é visto nos papéis guardados em um compartimento na porta do carro, em parte do bolso da calça do homem com braços erguidos, nas construções e nas letras que dão nome a loja Silvato. A tonalidade feita pela captura é consequência do tempo que está nublado e passa uma ideia de seriedade reafirmando o que está sendo presentificado na foto.

Considerações finais

Esse artigo teve por objetivo refletir sobre os efeitos de sentidos construídos em uma cobertura jornalística durante a greve da Polícia Militar, no Espírito Santo, em 2017. Para isso, analisamos duas imagens - fotografias capturadas pelo fotojornalista Rodrigo Gavini -, que compõem momentos distintos de uma mesma manifestação, organizada por populares, pedindo o fim da greve. Recorremos ao referencial teórico da semiótica discursiva e da semiótica plástica para dar embasamento às análises feitas.

Diante do que foi discutido ao longo do artigo, as ações e reações presentes nas imagens exemplificam lados que se opõem durante o protesto de 7 de fevereiro de 2017. A população se mostra como protagonista do ocorrido, após iniciar uma reivindicação pelo fim da greve e entrar em conflito com os familiares dos policiais, que estavam a favor da paralisação dos PMs.

Com os artefatos utilizados para dar força ao “clamor”, como as barricadas construídas e o fechamento das vias para acesso de automóveis, os manifestantes pretendiam, também, chamar atenção para o movimento realizado. Portanto, o efeito de sentido construído na imagem é de que os populares foram os agentes de transformação para cessar um período que afetava os interesses de toda coletividade do estado, que era a falta de segurança pública.

Já o exército, se encontrava no momento como mediador da situação, a fim de finalizar o confronto ali existente. De acordo com Arpini e Camporez (2017), os agentes também foram responsáveis por limpar as vias e restabelecer o andamento do trânsito. A abordagem que foi alvo de análise reforça a atenção à segurança e à civilidade da situação, construindo o efeito de sentido, na imagem, de ordem e prevenção em meio a um possível “caos” que poderia ter sido gerado com o protesto.

O fotojornalista também exerce seu papel social, visto que ele faz parte da manifestação, atuando como quem captura o que está ocorrendo e, por isso, se torna um mediador entre quem está sendo retratado e quem “assiste” à performance capturada. Como dito anteriormente, é um forte influenciador na formação de opinião acerca de um fato por ele fotografado e exposto.

A análise dos diferentes níveis e dimensões presentes nas teorias da semiótica discursiva e semiótica plástica permitiu um maior aprofundamento na observação. O

método explorou as duas imagens, seguindo os mesmos conceitos, mas, ao fim, demonstrou as diferenças e peculiaridades retratadas em cada circunstância.

A semiótica, então, se revela como um imenso mar de percepções até mesmo diante de situações cotidianas tidas como comuns. Perante o estudo, utilizando-se das técnicas, métodos e referenciais teóricos, é possível mergulhar nessas ideias e capturar detalhes que antes passariam despercebidos. Porém, como é notório a todos aqueles que se debruçam neste campo, nada se esconde do olhar semiótico.

Referências

ARPINI, Naiara; CAMPOREZ, Patrick. **Manifestantes e mulheres de PMs se enfrentam no ES; Exército intervém.** 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/02/moradores-pedem-volta-da-pm-no-es-e-protestam-por-fim-de-ato-em-quarteis.html>>. Acesso em: 4 de nov. 2018.

BARROS, Diana de. **Teoria semiótica do texto.** São Paulo: Ática, 2011.

CARVALHO, C. A. **O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo.** In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 14, 2009, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0206-1.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2018

DALVI, Bruno. **Termina a greve da PM no Espírito Santo após 21 dias de caos e insegurança.** 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/termina-greve-da-pm-no-espírito-santo-apos-21-dias-de-caos-inseguranca-20982836>>. Acesso em: 4 nov. 2018.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso.** 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

GATTO, Yasmin Ribeiro; SOARES, Murilo César. A mulher como algoz do seu próprio crime: enquadramento das notícias do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro. **Revista Observatório,** Palmas, jan-mar. 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3329>. Acesso em: 17 mar. 2019.

GAVINI, Rodrigo. **Exército aborda PM que estava em carro descaracterizado e com perfurações de bala.** 2017. 1 fotografia.

_____. **Greve da PMES.** Espírito Santo: Vitória. 2017. Disponível em: <<https://rodrigogavini.wordpress.com/tag/fotojornalismo/>>. Acesso em: 13 out. 2017.

_____. [Sem título]. 2017. 1 fotografia.

KOCH, G. S; CATELLI, M. R. **Manipulação de sentido pelo Fotojornalismo e as manifestações de junho de 2013:** articulação da dualidade de sentido em uma fotografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E IMAGEM - ENCOI, 1., 2014, Londrina. Anais eletrônicos... Disponível em:

<<http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT7/MANIPULACAO%20DE%20SENTIDO%20PELO%20FOTOJORNALISMO.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2018

MAIA, Andréa Karinne Albuquerque. **O momento decisivo no fotojornalismo atual: a importância da méfis na atuação do fotógrafo.** 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/.../22425/21516>

MORATO, E. F. Entre o verbal e o não-verbal: uma análise semiótica de textos publicitários. **Revista de Letras**, Curitiba, v.12, n. 13, jul./dez. 2010.

OLIVEIRA, Ana Cláudia. **As Semioses pictóricas**, in *Semiótica Plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

PARALISAÇÃO da PM completa um ano. Relembre fatos que marcaram a maior crise na segurança do ES. **Redação Folha Vitória**. Vitória, 4 fev. 2018. Polícia. Disponível em: <<https://novo.folhavitoria.com.br/policia/noticia/02/2018/paralisacao-da-pm-completa-um-ano--relembre-fatos-que-marcaram-a-maior-crise-na-seguranca-do-es>>. Acesso em: 4 nov. 2018.

PM do ES processa cerca de 28% dos policiais militares da ativa. **G1 Espírito Santo**. Vitória, 21 fev. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/02/pm-do-es-processa-mais-1549-policiais-militares.html>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

RODRIGUES, André; LINHARES, Fábio. **Lei da Anistia a policiais que participaram da greve no ES é sancionada por governador.** 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2019/01/16/assembleia-legislativa-aprova-anistia-a-policiais-que-participaram-de-greve-no-es.ghtml>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

SESENTA pessoas são indiciadas por envolvimento em saques ao comércio durante greve da PM, no ES. **G1 Espírito Santo**. Vitória, 27 out. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/espírito-santo/sul-es/noticia/sessenta-pessoas-sao-indiciadas-por-envolvimento-em-saques-ao-comercio-durante-greve-da-pm-no-es.ghtml>>. Acesso em: 4 nov. 2018.

SOUZA, F. M. S.; PIROLA, M. N. B. **Recortes de um olhar e de um tempo: entre paisagens, cidades, publicidade e consumo.** Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2013.